

RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA

Projeto: Hãmhi – Terra Viva – Mães e pais da Floresta

Proponente: Instituto Opaoká

Local: Teófilo Otoni, Bertópolis e Santa Helena de Minas

Responsável Técnico: Marina Bahia

Do dia 10 a 14 de junho de 2024, a equipe do Semente, representada pela analista ambiental Marina Bahia e pela supervisora Paula Grandi, realizaram a terceira visita técnica ao projeto Hãmhi – Terra Viva – Mães e pais da Floresta, perpassando por todos os territórios indígenas que abrangem o projeto: Aldeia Verde, Escola-Floresta, Cachoeirinha, Água Boa e Pradinho. A visita faz parte do acompanhamento e monitoramento dos projetos contemplados pela Plataforma.

O principal objetivo do projeto é o de formar Agentes Agroflorestais Tikmũ'ũn responsáveis pela implementação e manejo de quintais agroflorestais e a recomposição florestal, aliando conhecimentos tradicionais aos princípios da agroecologia na recuperação ambiental de suas terras e reconquista da soberania alimentar. Os demais objetivos são: 1. implementar viveiros educativos nas aldeias estimulando produção de mudas; 2. implementar uma rede de coletores/as de sementes; 3. levantar práticas e conhecimentos Tikmũ'ũn sobre sistemas agrários, biodiversidade, clima e ciclos, articulando-as com a elaboração de uma matriz curricular para reconhecimento de formação de nível médio; 4. produzir material didático sobre Agrofloresta para as escolas indígenas; 5. promover intercâmbios entre as/os Tikmũ'ũn e jovens de comunidades da mata atlântica; 6. dialogar com modelos da formação de agentes agroflorestais do Centro de Formação Povos da Floresta, reconhecidos, desde 1998, pela Secretaria Estadual de Educação do Acre como ensino médio profissionalizante; 7. estreitar parcerias entre instituições que atuam entre os Tikmũ'ũn, buscando a reposição da floresta, das matas ciliares, de frutíferas e nativas em seus territórios; 8. promover a soberania alimentar com a implantação de SAFs; 9. criar condições que promovam o retorno dos animais importantes para o sistema simbólico dos Tikmũ'ũn.

A visita técnica iniciou-se no dia 10 de junho, no qual as colaboradoras visitaram o escritório do Hãmi onde se reuniram com a coordenadora geral do projeto, Rosângela Tugny, o coordenador técnico-pedagógico: Sálvio Oliveira Santos, a assessora técnica educativas: Izabela Macedo, o auxiliar de campo: Idael Batista, e os assessores administrativo-financeiros: Thais de Castro e Matheus Rhis. Também participaram da reunião a servidora pública do MPMG – CIMOS – Programas Novos Passos Deliene Fracete Gutierrez, e o Sr. Joelson Ferreira do Instituto Cabruca – Teia dos Povos – Assentamento Terra Vista.

Após conversa, a coordenadora geral apresentou a programação prevista para os dias de visita, que é apresentado abaixo:

PROGRAMAÇÃO

Data 10/06/2024 (segunda-feira)

- 17 hs: Chegada da Plataforma na sede do Projeto em Teófilo Otoni

Data 11/06/2024 (terça-feira)

- 7hs: Encontro dos carros no Posto Boiadeiro 2 (Av. Alfredo Sá, 5336 - São Cristóvão, Teófilo Otoni - MG, 39800-307)
- 08h30min: Aldeia Verde (previsão de chegada)
- 12:00h: Almoço: Sugerimos o Grill que fica no caminho (Av. Alfredo Sá, 5015 - São Cristóvão, Teófilo Otoni - MG, 39800-307);
- 14:00h às 16:00h: Aldeia Cachoeirinha
- 18hs: Roda de conversas na Aldeia-Escola-Floresta

Data 12/06/2024 (quarta-feira)

- 7:00h: Deslocamento de Teófilo Otoni para Santa Helena de Minas- (Água Boa)
- 11:00h: Encontro na Escola da Jaqueira
- Visita da área de reflorestamento da Jaqueira e ao Quintal de Ronielson
- Visita ao Viveiro
- 13hs Almoço na Escola da Jaqueira 14:30: Visita aos quintais: Badé e Gilmaro, Cláudio e Alexandre
- Visitas às áreas de reflorestamento: Aldeia de Roberto e Amaxu

- 18:30hh: Retorno para Bertópolis ou Santa Helena

Data 13/06/2024 (quinta-feira)

SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRIMEIRO ANO DO PROJETO HÂMHI

- 8:30h: Manuel Damásio: Canto da aldeia
- 8:40h: Saudações iniciais

APRESENTAÇÃO DO BALANÇO DO PROJETO HÂMHI TERRA VIVA PELA EQUIPE

TÉCNICA

- 8:50h: Apresentação da equipe técnica do projeto;
- Fala da equipe técnica da Plataforma Semente;
- Debate aberto com os Tikmu'um e todos os convidados
- 13:00h: Almoço
- 14:30h: Visita ao viveiro e à área de Nova Vila
- Visita aos quintais de Joalson e Maurílio
- Visita à área da Aldeia Maravilha
- Área de plantio coletivo em face da Aldeia JM
- Visita a área de Doçolino
- 17:00h Finalização e despedida

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

EQUIPE DO PROJETO HÂMHI

Coordenação geral: Rosângela Tugny (UFSB)

Coordenação técnico-pedagógica: Sálvio Oliveira Santos

Assessores técnico educativos: Leiliane Leal, Izabela Macedo, Breno Terra, Guilherme Brant

Auxiliares de campo: Fabrício Miranda e Idael Batista

Assessores administrativo-financeiros: Thais de Castro, Matheus Rhis, Emiliane Santos

PLATAFORMA SEMENTE:

Paula Grandi

Marina Bahia

MPMG-CIMOS-PROGRAMA PRÓXIMOS PASSOS

Deliene Fracete Gutierrez

Marcelo Vilarino

FUNAI

Coordenador: Douglas Krenak.

Laudyene Maria de Jesus Fernandes

IEF (Instituto Estadual de Florestas)

Luiz Claudio Pena Ferreira

Landerson Gomes Galvão

PROGRAMA ARBORETUM

Kamila Barbosa Paganelli

Viviane Barazetti

INSTITUTO CABRUCO - TEIA DOS POVOS - ASSENTAMENTO TERRA VISTA

Joelson Ferreira

MONGABAY BRASIL

Xavier Bartaburu

Conforme previsto no cronograma apresentado, na manhã do dia 11/06 houve o deslocamento da equipe para a Aldeia Verde. Chegando no território a equipe foi direcionada para a casa da Pajé, onde haviam muitos indígenas em luto, em decorrência da morte de uma jovem Maxakali que viera a falecer no dia anterior. Feito os devidos cumprimentos, seguimos em companhia dos agentes agroflorestais,

Bidezinho e Luizinho para conhecer a casa de ferramentas, conforme ilustrado nas Figuras 1 a 4.

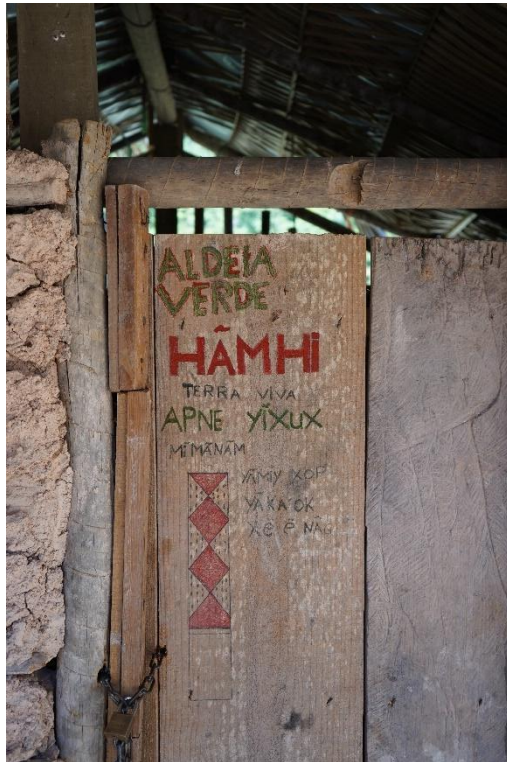


Figura 1: Porta da casa de ferramentas da Aldeia Verde.



Figura 2: Calendário de atividade Hâmhi.

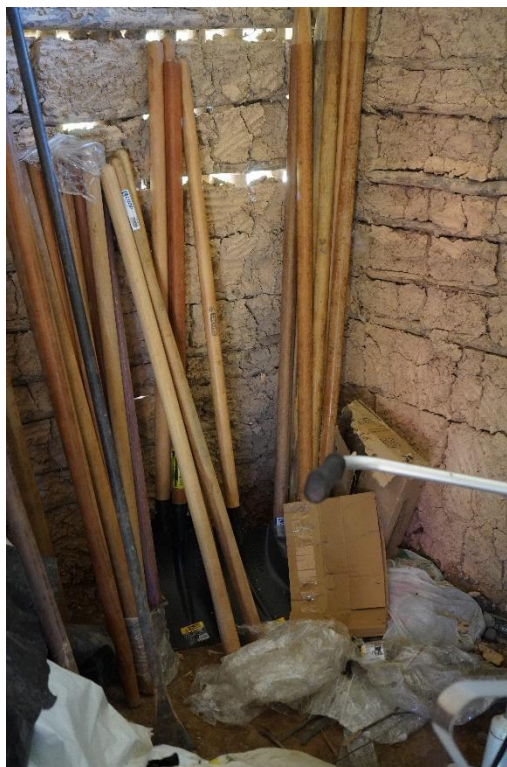


Figura 3: Ferramentas para manejo e plantio.



Figura 4: Gasolina para abastecer as roçadeiras e regadores para manejo dos plantios.

Em seguida a equipe caminhou até o Sistema Agroflorestal (SAF) do Gilberto, recém-plantado. Nas Figuras 5 e 6 notam-se um aspecto de solo recém arado e mudas em estágio inicial de desenvolvimento.



Figura 5: SAF do Gilberto.



Figura 6: Mudas jovens recém-plantadas.

Seguidamente, prosseguiu-se até a SAF de Noêmia, Bidezinho e Luizinho, próximo ao território de Gilberto, onde havia uma variedade de indivíduos arbóreos adultos, vegetação rasteira e arbustivas já estabelecidos. Destaca-se a presença de frutíferas como bananeiras, mamoeiros, açaí, além de mandioca, maxixe, abóboras (Figura 7 a Figura 10). Importante ressaltar a presença de espécies que contribuem para a adubação verde e consequente recuperação do solo, como feijão guandu, feijão de porco e crotalária. Ainda, havia um pequeno e organizado viveiro de mudas com tamanho aproximado de 4x8m, que se encontra representado na Figura 12.



Figura 7: Bananeiras e açaízeiros no SAF de Bidezinho.



Figura 8: Mamoeiros e adubação verde em entrelinhas.



Figura 9: Plantio de mandiocas intercalado com bananeiras.



Figura 10: Criança Maxakali mostrando o plantio de mandioca.



Figura 11: Idael e agentes apresentando os SAFs.



Figura 12: Vista frontal do viveiro da Aldeia Verde.

Foram cultivados cerca de 2ha de área objetivando a produção de alimento e recuperação do solo. No território adjacente optou-se pela técnica de enriquecimento florestal, que consiste na introdução de espécies, principalmente dos estádios finais da sucessão ecológica, em áreas com melhores condições do solo já com presença de vegetação nativa, porém com baixa diversidade de espécies. É uma técnica que deve ser proposta para preencher espaços com falhas da regeneração natural. Visa

umentar a biodiversidade aos níveis naturalmente encontrados no ecossistema de referência. Essa técnica também busca suprimir as espécies indesejáveis que estariam se estabelecendo nestas falhas. Alguns indivíduos arbóreos são ilustrados na Figura 13 e 14.



Figura 13: Enripecimento florestal em linha.



Figura 14: Enripecimento florestal com mudas nativas.

Após a visita na área de enripecimento, o time seguiu para conhecer o último SAF do território da Aldeia Verde, pertencente ao casal Maria Sônia e Pinheiro. Neste momento a Izabela explicou que os Maxakali vivem em pequenos grupos, isolados dentro da própria aldeia, muitas vezes com lideranças bem definidas.

Na Figura 15 e 16 são apresentados os quintais, com presença predominante de bananeiras, feijões e arroz. Ressalta-se que o Sr. Pinheiro é o ancião da aldeia, fato este, raro, uma vez que os Maxakali possuem uma expectativa de vida baixíssima devido as suas condições de vida. Segundo dados da SESAI esta etnia possui um dos menores IDH do Brasil.



Figura 15: SAF do Sr. Pinheiro e Sra. Noêmia.



Figura 16: SAF bem desenvolvida.

Após o almoço a equipe da Plataforma Semente, IEF, CIMOS, FUNAI e Hãmhi se deslocaram para a aldeia Cachoeirinha, que dista cerca de 1h de Teófilo Otoni. No momento de chegada na Aldeia havia representantes da prefeitura de Teófilo Otoni descarregando alimentos na escola. Neste território vivem cerca de 14 pessoas, e nele há uma área de cultivo de aproximadamente 2ha de quintais agroflorestais.

No SAF do agente Denilo, a única da aldeia, haviam cultivos de inhame (Figura 17), mandiocas, maxixe, feijão de porco, arroz, feijão manteiga, açaí e bananeiras (Figura 20). Havia também uma estrutura simples, mas efetiva de um viveiro, que subsidia os plantios na pequena aldeia (Figura 19 a 21). Relatou-se que o território de Cachoeirinha passa por desafios relativos à irrigação do SAFs, embora haja a presença de um rio abaixo, separado por uma cerca de arame enfarrapado (Figura 18), não há tecnologia disponível para a retirada da água. Por esta razão discutiu-se a viabilidade de uma instalação de um sistema de bombeamento movido a energia solar conjugado com sistema de gotejamento. Em campo, também se constatou a presença de uma barragem de água que está com sua estrutura comprometida. Em diálogo com o IEF, avaliou-se a possibilidade do Instituto prestar auxílio técnico.



Figura 17: Colheita de inhame no SAF do Denilo, agente agroflorestal da Aldeia Cachoeirinha.



Figura 18: Reflexão a respeito de captação de água.



Figura 19: Viveiro da Aldeia Cachoeirinha.



Figura 20: Viveirista ao lado dos plantios e do viveiro.

Mais tarde, o pajé Rafael enfatizou os problemas que eles têm enfrentado com as secas e as queimadas na região, que afetam diretamente o manejo das áreas, e, conseqüentemente, o êxito dos cultivos.

Além das culturas de subsistência, os agentes também fomentam atividades de enriquecimento florestal próxima ao topo do morro. Na Figura 22 é possível identificar as curvas de nível onde foram realizados os enriquecimentos. O plantio em curvas de nível, conhecido também como plantio em contorno, utiliza as linhas de diferentes altitudes de acordo com o terreno. Essa prática é uma medida que visa controlar a erosão, conservar o solo e evita que os nutrientes sejam carreados durante as chuvas.



Figura 21: Plantio de mandiocas e bananeiras.



Figura 22: Enriquecimento florestal em curvas de nível Aldeia cachoeirinha

Terminada a visita na aldeia Cachoeirinha, deslocou-se para a Aldeia Escola Floresta, onde todo o time foi recebido pelas lideranças e pelos agentes já no período noturno. Antes de iniciar a roda de conversa, as colaboradoras da plataforma semente acompanhada da Izabela e Deliene foram conhecer o viveiro de mudas que estava próximo à tenda principal. Constatou-se uma grande variedade de espécies, como Guapuruvu, Açaí, Bananeira, Ingá etc., em estágio médio de desenvolvimento. Embora estivesse escuro foi possível perceber que o viveiro apresenta uma ótima estrutura. No local há um poço de água em que a UFJVM realiza o monitoramento, e, segundo informações fornecidas, a água captada apresenta elevadas concentrações de Ferro, e por esta razão não pode ser utilizada para consumo humano. Por conseguinte, seu uso foi atribuído apenas a irrigação das mudas do viveiro. Na parte inferior há a presença de uma área brejosa alagada e ao lado um SAF, onde foi identificado a invasão de gado. Segundo os indígenas locais, o gado não pertence aos moradores, e sim, aos vizinhos da TI (Terra Indígena).

Ao retornar à tenda o Pajé entoou um canto de abertura e posteriormente enfatizou a importância do projeto. Neste momento estavam presentes o assessor do prefeito de Teófilo Otoni, professor da UFVJM, IEF, Funai, CIMOS e representante da aldeia Cachoeirinha. Mais tarde, os representantes das instituições supracitadas e alguns indígenas falaram sobre a importância do fortalecimento institucional do Hãhmi, como forma de ampliar as ações nos territórios e garantir sua perenidade.

Na manhã seguinte toda equipe se deslocou para Santa Helena de Minas para realizar a visita no território de Água Boa. O encontro ocorreu na Escola da Jaqueira (Figura 23), e após reunir os visitantes e os indígenas locais, todos se deslocaram para a área de reflorestamento que estava próxima dali (Figura 24). No local, os analistas do IEF, Cláudio e Landerson, explanaram sobre a importância em não atear fogo na TI. Disseram que o controle do fogo no território é muito difícil devido às condições climáticas e a presença massiva dos capins *Brachiaria* spp. e *Panicum maximum* (Figura 26), que contribuem para o seu espalhamento. Ainda, relacionou a elevada população de cascavéis no território à queima dos ninhos das seriemas, seu predador natural.



Figura 23: Reunião dos visitantes na Escola da Jaqueira em Água Boa.



Figura 24: Deslocamento para a área de reflorestamento.



Figura 25: Conversa sobre os plantios



Figura 26: Criança Tikmü'ün Maxakali entre o capim na área de reflorestamento.

Durante a visita, os assessores e coordenadores do projeto relataram que as áreas de reflorestamento não estão sendo irrigadas, em detrimento da seca e a dificuldade em garantir água nas áreas. Explicaram ainda a razão do plantio de arbustivas e forrageiras, como por exemplo a crotalária e feijão guandu. Devida a exposição e empobrecimento do solo no local, que outrora fora ocupada pela pecuária.



Figura 27: Cultivos na área de reflorestamento.



Figura 28: Entrelinhas de crotalária para recuperação do solo.



Figura 29: Crianças Maxakali entre os plantios de abóbora.



Figura 30: Árvores em entrelinhas.



Figura 31: Plantios de mudas de árvores.



Figura 32: Plantio intercalado

Na Figura 33 e 34 são visíveis as entrelinhas de crotalária, espécie de fácil adaptação e estratégica, notada pela sua aderência aos solos mais arenosos e cheios de cascalhos. Ela atua na recuperação de solos degradados; auxilia no processo de adubação verde; controla os nematóides e diminui os riscos de erosão.



Figura 33: Plantio de Crotalária em entrelinhas



Figura 34: Plantio de crotalária.

Dando continuidade a visita, os presentes foram convidados a conhecer o viveiro de Água Boa, mas antes identificaram a casa de ferramentas, onde ficam alocados os equipamentos de manejo dos plantios (Figura 35).

O viveiro de Água Boa tem recebido frequentemente mudas rustificadas do viveiro do Instituto Estadual de Florestas, Instituto Arboretum, além das mudas compradas pelo projeto. Por esta razão, passou por uma expansão em sua capacidade de produção e armazenamento de indivíduos. A manutenção do viveiro é garantida por seis viveiristas que atuam diariamente nos cuidados das mudas. O espaço tem sido uma escola em relação à manutenção e construção de viveiros. Da Figura 35 a 39 são apresentadas as fotografias realizadas no local.



Figura 35: Casa de ferramentas de Água Boa.



Figura 36: Vista frontal do viveiro de Água Boa.



Figura 37: Vista lateral do viveiro de Água Boa.



Figura 38: Sistema de irrigação do viveiro.



Figura 39: Visita ao viveiro de Água Boa.

Seguidamente conheceu-se o quintal agroecológico da Aldeia do Waldemar e Ronielson, que também possui um pequeno viveiro sob seus cuidados. O SAF se mostrou bastante produtivo, com culturas bem desenvolvidas de banana, mandioca, abóbora, currua, feijão, maxixe, caju, além da adubação verde (Figuras 40, 21 e 43). Ao lado há uma pequena área de reflorestamento, intercalada de adubação verde e indivíduos arbóreos (Figuras 44 e 45). Ainda, foi informado que o fazendeiro vizinho possui criação de gado que frequentemente invadem os plantios, pisoteando e comendo as culturas.



Figura 40: Vista do SAF do Ronielson.



Figura 41: Plantio de mandioca.



Figura 42: Evidência de pisoteio de gado.



Figura 43: SAF com espécies rasteiras.



Figura 44: Área de reflorestamento.



Figura 45: Adubação verde.

No período da tarde, próximo às 15h, os visitantes foram em direção a aldeia e o SAF do pajé Badé. Ele não é agente agroflorestal, mas aceitou a ajuda do projeto. Parte do quintal é apresentado nas Figuras 46 e 47. Em explanação o pajé falou da importância de respeitar as fases da lua para realizar os plantios adequadamente (Figuras 48 e 49).



Figura 46: Cultura de melancia.



Figura 47: SAF do Pajé Badé.



Figura 48: Reflexões acerca dos plantios.



Figura 49: Reencontro de Joelson e Badé.

Posteriormente prosseguiu-se para o quintal do Cláudio agente agroflorestal. Nos plantios constatou-se frutíferas, mandioca, batatas, feijões, amendoim etc. (Figuras 50 e 51).



Figura 50: Vista lateral do SAF do Cláudio.



Figura 51: Plantios de quintal do Cláudio.

O agente mostrou orgulhoso a colheita de amendoim que realizou na área (Figura 52), e o viveiro que mantém para realizar as manutenções nas áreas de cultura (Figura 53). Informou que na próxima semana seria realizado um novo mutirão em suas áreas.



Figura 52: Colheita de amendoim.



Figura 53: Viveiro mantido pelo agente Cláudio.

Dando prosseguimento às visitas, a equipe se direcionou para o quintal agroflorestal do Alexandre, que foi iniciado em fevereiro de 2024 com cerca de 0,5ha. Constavam feijões variados, crotalária, abóboras dentre outras culturas (Figuras 54, 55 e 56). Alexandre é professor de cultura na aldeia, e costuma trazer as crianças até os SAFs para explicar a importância de plantar e restaurar as áreas, para que os bichos e a água voltem para o território. Mais abaixo da gleba havia a presença de um pequeno campo de futebol (Figura 57), onde alguns adolescentes indígenas jogavam. O espaço também é utilizado para pequenas confraternizações, e por isso, estão repensando os plantios das novas áreas.



Figura 54: Criança Maxakali ao lado do plantio de feijões.



Figura 55: Equipe comemorando os plantios.



Figura 56: Plantio de abóbora.



Figura 57: Campo de futebol.

A última visita do dia foi no quintal e na área de reflorestamento do agente agroflorestal Tarcísio e da viveirista Andradina. Verificou um SAF com bananas, jaqueiras, feijões variados, milho, melancias (Figuras 58, 59, 60 e 61). Entretanto, foi relatado que os cultivos vêm sofrendo com o período de estiagem e ausência de tecnologia de irrigação.



Figura 58: Plantio de milho.



Figura 59: Plantio de melancia.



Figura 60: Maxakali mostrando as favas.



Figura 61: Feijão de porco colhido.

A área de reflorestamento no território apresenta aproximadamente uma área de 1,7ha com a presença de diversas frutíferas intercaladas com a adubação verde, conforme apresentado abaixo nas Figuras 62 e 63.



Figura 62: Área de reflorestamento e adubação verde.



Figura 63: Reflorestamento próximo ao SAF.

Na quinta-feira (13/06) a equipe se deslocou pela manhã para a Aldeia do Pradinho. A primeira SAF visitada foi a do indígena Maurílio, que exibia muitas mudas de açaí, batata doce, mandioca, pimenta rosa, feijões e coqueiros, com cerca de 0,76 ha de área plantada. Foi informado, que devido a problemática do uso de álcool na aldeia,

alguns indígenas, todavia não identificados, estavam roubando as mudas de coco para permutar por álcool.



Figura 64: Bananeiras no SAF do Maurílio.



Figura 65: Plantios diversificados do SAF.



Figura 66: Culturas de mandioca.



Figura 67: Reflexões a respeito da poda.

Foram identificadas a presença de formigas nas culturas, e embora, a mãe do agente criasse gados, não foram verificadas evidências de pisoteio ou predação nos cultivos. Como mencionado pelo analista do IEF, Cláudio, o problema não está em criar gado, e sim em como manejar as criações em paralelo aos plantios.

No quintal agroecológico vizinho, do Joalson, onde também reside uma viveirista, há uma pequena escola em funcionamento (Figura 68). Em seu sistema agroflorestal havia uma variedade grande de espécies de abóboras, feijões, melancia, maxixes, açaí, ingás, bananas, e, vegetais para adubação verde como ilustrado nas (Figuras 69,70 ,71, 72 e 73). Importante salientar que além de produzir para sua família, Joalson repartiu sua safra com os vizinhos e o sobressalente de abóboras vendeu para o projeto, garantindo a soberania alimentar em seu território.

Importante frisar que o SAF do Joalson é uma parceria com o Instituto Arboretum, que os auxilia nos plantios e nos manejos



Figura 68: Escola aberta.

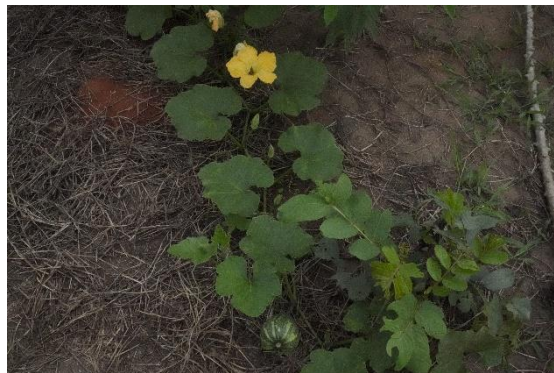


Figura 69: Cultivos de abobrinhas.



Figura 70: Indígena mostrando as crotalárias em flor



Figura 71: Cultivo de abóbora moranga.



Figura 72.: Plantios de maxixe.



Figura 73: Plantio de abóboras.

Após a visita caminhou-se em direção a escola do Pradinho, onde havia uma estrutura para realização do seminário (Figura 74). O evento foi iniciado através de um ritual de abertura, seguido de uma breve apresentação da coordenadora do projeto, Rosângela. Posteriormente foi projetado um breve filme de um ano do projeto, exibindo

o antes e depois e os impactos positivos não só nos territórios, mas na vida dos indígenas.



Figura 74: Reunião para abertura do seminário.

Foi exibido uma breve apresentação em *power point* com dados obtidos durante o um ano de projeto, demonstrando por meio de quantitativos e mapas temáticos as áreas que foram plantadas em cada área. Após a explanação, o coordenador da FUNAI Douglas Krenak falou a respeito dos cercamento das áreas que vem sofrendo pisoteio do gado. Disse que levará esta questão ao governo federal, e sugeriu estabelecer parâmetros de monitoramento para além da Plataforma Semente, pois segundo o coordenador as ações devem ser múltiplas. Contudo, frisou o quão é difícil conseguir recursos do Estado para as ações. O representante da FUNAI de Santa Helena de Minas, Rodrigo, enfatizou o impacto profundo e positivo que o projeto vem promovendo, considerando as várias fragilidades e vulnerabilidades sociais e ambientais que este povo sofre.

Joelson, representante do Instituto Cabruca, falou que a organização andará de mãos dadas ao projeto, compartilhando as metas de revegetação, objetivando a volta da floresta para o território. Pontuou que um dos acontecimentos mais importantes nesse período, foi o povo Maxakali se tornar protagonista de seu próprio território, e que a terra dos Tikmũ'ũn, será referências para os povos originários. Frisou *“Vocês são a luz do mundo, e irão ensinar àqueles que têm ódio da natureza, antes que seja tarde demais”*. Segundo o representante, este é o início de uma grande jornada de reflorestamento, e, para seguir essa missão, é preciso fortalecimento institucional, com o IEF, Ministério Público e Instituto Arboretum. O Ministério Público tem um papel muito importante em fazer a lei ser cumprida. Joelson ainda levantou a necessidade de educar, vestir, integrar as crianças Maxakalis ao projeto: *“É preciso proteger as crianças, ofertar água limpa, alimentos de qualidade e tratar de sua saúde e conseqüentemente de suas verminoses”*. Porfiam, se alegrou ao dizer que em breve uma equipe do Terra Vista irá trabalhar e ensinar os Maxakalis a plantar e manejar.

Luiz Cláudio do IEF falou a respeito dos dados estarecedores a respeito da saúde indígena nos territórios. O IDH do povo Tikmũ'ũn é o menor em todo o Estado de Minas Gerais, e um dos menores de todo o país. Os maxakalis morrem cem vezes mais que os homens brancos da cidade. Segundo o analista, a atuação do IEF não é apenas plantar floresta, o Instituto é um fomentador florestal, com todas as ações que isso envolve. O Estado deve agir, é necessário ter o retorno da floresta, da saúde e dos alimentos de qualidade. O IEF apoia e apoiará o projeto, estão intermediando uma parceria com a Conservação Internacional recursos com a *mastercard*, para trazer investimentos para subsidiar os plantios em áreas de floresta. Ainda, trarão recursos humanos, técnicos especializados para a construção de barraginhas e plantios em curvas de nível. Frisou que irá a coordenação geral do IEF demonstrar a relevância do projeto, assim como ao MP. Enfim, comentou que está em curso um termo de cooperação entre IEF e Instituto Opaoká em prol do Hãmhi.

Viviane do Programa Arboretum comemorou os plantios, mas levantou a questão do monitoramento. Segundo ela, o capim colonião cresce demasiadamente rápido, necessitando de constante manejo para que a revegetação consiga de fato se estabelecer. Para uma floresta se estabelecer necessita de monitoramento a longo prazo, 5, 10, 15 anos. Comentou: *“Não é só plantar mudas, a participação social é extremamente importante para a restauração florestal”*. Frisou que o projeto precisa continuar, buscar novos parceiros, mas que sua grande aliada é a educação. O futuro só pode ser melhor se há capacitação e educação.

Deliene servidora pública do MP, vinculada a CIMOS, passou a informação de que a promotora Úrsula de Águas Formosas irá marcar uma audiência pública com o intuito de averiguar a invasão do gado no território indígena.

O diretor da escola de Água Boa disse que sempre teve interesse em participar da história dos maxakalis, que sem floresta, não há educação.

Ao final do seminário a Paula, supervisora da Plataforma Semente falou da importância da realização do projeto, do impacto positivo que eles alcançaram em um ano de execução. Ainda, fez questão de enfatizar que levaria esses resultados para o Ministério Público. Marina, analista da plataforma elogiou o projeto, a forma como vem sendo executado e fez algumas observações que motivasse os presentes a pensarem em soluções para os gargalos identificados durante a visita:

- 1. Elaboração de um calendário climático individualizado por regional para guiar os plantios, uma vez que as mudanças climáticas já são uma realidade, conforme pontuado pelo Joelson;**
- 2. Como promover a irrigação e manutenção dos plantios, para o que se plantou não seja perdido;**
- 3. Contratação ou colaboração de assessoria técnica para os novos plantios, e manejo dos preexistentes;**

4. Pensar em estratégias para barrar a entrada dos gados nas áreas plantadas. Convidar o IEF e FUNAI para pensar em conjunto;
5. Com a proximidade da estiagem o desafio do fogo retorna aos territórios. Como fazer aceiros em locais estratégicos e suprimir o capim?

Ao final do seminário os indígenas presentes fizeram um ritual e uma dança de encerramento que é mostrado na Figura 75.



Figura 75: Ritual de encerramento.

Após o encerramento todos os presentes almoçaram e os representantes da plataforma se deslocaram até o viveiro e a área de reflorestamento vizinha para conhecer antes de retornar para Governador Valadares. Abaixo é exibido às diversas mudas de árvores nativas presentes no viveiro (Figura 76), a bomba de água movida a energia solar (Figura 77) que é utilizada para irrigação da área. E ainda, é ilustrado parte da área de reflorestamento que circunvizinha o viveiro de mudas (Figuras 78 e 79).



Figura 76: Mudas nativas do viveiro do Pradinho.



Figura 77: Bomba d'água movida a energia solar.



Figura 78: Equipe ao lado da muda de ipê doada pelo o IEF.



Figura 79: Área de reflorestamento.

Concernente às metas estipuladas, nota-se que a equipe do projeto se esforçou para alcançá-las, mesmo diante dos gargalos impostos pelo clima, e pelas condições de degradação que o território apresenta. Na Tabela 1 é apresentado os quantitativos de plantio propostos e executados no ofício 20/2024 para realização no trimestre de abril até junho. Salienta-se que essas áreas ainda estão em processo de plantio, e os mutirões estão previstos para ocorrer até o dia 30 de junho.

A Tabela 2 representa a previsões totais após repactuação de metas, com reajuste da meta de reflorestamento, de 300 (trezentos) hectares de reflorestamento para 150 (cento e cinquenta) hectares, e da meta de implantação de quintais agroflorestais, de 60 (sessenta) hectares de quintais (SAFs) para 36 (trinta e seis) hectares.

Tabela 1: Resumo dos quantitativos estabelecidos no trimestre de abril a junho.

Territórios	Previstos		Executado	
	SAF	Reflorestamento	SAF	Reflorestamento
Pradinho	8,33	-	5,01	-
Água Boa	-	8,33	4,37	8,59
Aldeia Escola - Floresta	-	2	1,12	-
Cachoeirinha	-	2		0,25
Aldeia Verde	2	2	2,12	0,54

Tabela 2: Resumo dos quantitativos globais propostos e executados

Previsto		Executado	
Reflorestamento	SAFs	Reflorestamento	SAFs
150	36	56,95	38,4

Sem mais,

Belo Horizonte, 21 de junho de 2024.